

Absentismo e atenção

Estes alunos têm elevados níveis de absentismo. Fomos aprendendo a viver com essa difícil realidade. Um grupo de seis é um grupo de dois e logo a seguir um grupo de três e depois outra vez de seis. Como gerir esta realidade do ponto de vista pedagógico? Como aprender a ensinar com grupos móveis, todos os dias diferentes?

Primeiro, convidando os jovens a vir, mesmo nos dias em que faltam. Passámos muito tempo, todos os dias, a telefonar a cada um que não chega a horas, a procurar perceber o que se passa ou a acordá-lo(a) para que venha aproveitar mais um dia de atividade. A ausência de um jovem constitui uma interrogação, que se transforma numa forma de presença da “escola”. E sabemos, hoje, que isto os marca profundamente, pois nos dizem mais tarde, muito reconhecidos, que “nunca desistiram de mim”.

Segundo, adaptando os procedimentos pedagógicos, pois o acompanhamento tem de ser muito mais personalizado e a ligação entre duas aulas tem de ser muito bem ponderada. Trata-se de uma espécie de busca de equilíbrio num permanente desequilíbrio, uma busca que implica muita capacidade de elasticidade pedagógica e uma boa dose de invenção contínua. As tradicionais planificações de aula e programações de atividades caem por terra e deixam, bastantes vezes, os docentes em pânico, habituados que estão ao modelo escolar no que ele tem de mais rotineiro e fabril.

Terceiro, trabalhando mais em cooperação entre os formadores e docentes, o que se aprende a fazer regularmente, passo a passo. A maior dificuldade tem consistido em partir para projetos integradores conjuntos e para um trabalho mais cooperativo em sala de aula, colocando em ação mais do que um docente ao mesmo tempo. Este é um grande desafio.

Os trabalhos colaborativos práticos, concretos, com tarefas claras, trabalhos exigentes do ponto de vista da pesquisa e da reflexão que requerem, onde esteja prevista a intervenção oportuna dos saberes de apoio que é necessário adquirir, a capacidade de perseguir as questões e intuições que vão surgindo a cada passo, tudo isto passa a fazer parte de um quotidiano que vai enchendo e enriquecendo a dinâmica pedagógica do Arco Maior.

É verdade que estes jovens procuram connosco realizar o 6º e/ou o 9º ano, como motivação primeira e imediata. Esse é geralmente o ponto de partida (há casos em que nos chegam via tribunais, para o cumprimento de penas). Mas, cedo percebemos, e eles também, que procuramos muito mais. Eles procuram ser reconhecidos, ou seja, conhecidos de novo, com um olhar muito mais próximo, muito atento, muito paciente, muito compassivo e competente. E é este olhar que lhes permite nascer de novo, desabrochar em dimensões que lhes pareciam perdidas, ganhar algum equilíbrio em cima do arame das suas vidas tão difíceis, compreender-se melhor a si mesmos e aos outros, e aprender a ler, a escrever, a ouvir, a debater e argumentar, a respeitar os outros, a falar e a construir uma nova relação com o saber e com o mundo que os rodeia.

Os professores têm pouco espaço e tempo para fazer comparações, estimulam sempre os alunos, solicitam o seu envolvimento concreto; aqui não há espaço para a pedagogia da comparação e da competição, apenas é viável a pedagogia do encorajamento.